

CANÇÃO TRISTE DE CABARÉ

Muitas vezes me viam passear
Junto do rio e olhar a cidade
Com tristeza. Apenas essas águas,
Apenas um ar esverdeado nos dias limpos
Substituía o tremor de uns olhos
Ao cobrirem-se entre as mãos.
Regressava de eléctrico ao escurecer
Alheado por montras que esvaziam
Iluminadas. Descemos
Em silêncio os cinco eternos patamares,
Voltaste-te ao chegar à entrada,
nunca mais esquecerei essas palavras:
*Olha, rapaz, eu não acredito
No amor, mas apenas nos corpos.*

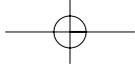
UM SENHOR DE AZUL

e de barba por fazer. Aproveita
a época baixa, o desdém
de algum jovem desiludido
para tentar, uma vez mais, o amor.
Passeia sem ninguém a acompanhá-lo.
Dorme pouco. Não teve nada e agora,
na cidade, basta estender a mão:
os livros estão todos, corpos sempre
aguardam nesse bar conhecido.
Basta passar a porta que o faça feliz.
Por isso ano atrás de ano se veste
de azul, descuida o seu aspecto, fuma,
e regressa na época baixa
ao lugar afastado. Tal como então.

PINTURA

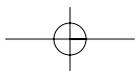
Como um ir dando cor às coisas,
Assim deveria ter acontecido, como pintar
Uma fotografia a preto e branco,
Retocando com um pincel muito fino,
Imperceptível, todos os objectos
Com inúmeras camadas de anilina,
Cada uma mais leve que a anterior.
Assim, é certo, deveria ter acontecido.
Mas senti-o como um despejar
Com baldes a cor sobre aquela tela
Citrina que era a minha vida de então.

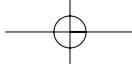
E de agora, ia já a escrever,
Mas não seria exacto, ainda que não esteja,
Comigo fica amanhecido o mundo.



AUTO-RETRATO COM OLHOS IGNÓBEIS

Os olhos enevoados, em silêncio
A rua, as persianas atiradas
Como capotes sobre os ombros;
Amarga a saliva, engulo-a
Enquanto o homem desaparece
Apagado na humidade da noite.
Deixa como única lembrança
Uma gota gelada de esperma
Na comissura dos meus lábios.





A NOITE

Conhece todas as conversas,
Que vida contará como sendo sua,
Onde terá que rir, onde calar-se.
Não lhe serve, por mais que o pretenda,

Como sonho nenhum rosto belo
Ou jovem. Passou por muitas portas
(entrou em tantos quartos tantos dias)
Para agora o comover alguma.

Sabe que um corpo não é já o paraíso,
Mansidão do tempo, puro dom.
Mas de pouco vale a experiência,

De nada a meditação, presságio
Ou incerteza, quando com a noite
O toma a ânsia de animal ferido.

